

O DESENLACE DA GRAMÁTICA DA DANÇA HUMANA: o estilo de vida sedentário como propulsor

Resumo

O estilo de vida sedentário, a ocupação permanente, e, posteriormente, a agricultura, ocupam o papel de propulsores das primeiras gramáticas corporais da dança humana. Graças às formações de redes de laços sociais instauradas a partir dos primeiros assentamentos humanos, quando as pessoas se estabelecem em um determinado lugar para dele extrair, *também*, suas fontes de sobrevivência. No regime de coresidência em ambientes “construídos”, o desafio é como envolver as novas redes no mundo pré-letrado. Ritmicidade realiza papel fundamental na evitação das contendas sociais e pode ter desenhado, pela primeira vez, um glossário de movimentos e gestos inteligível ao observador. Por isso, as origens da dança são, especialmente, um marcador metodológico. A arqueologia pode ajudar na inferência do aumento interesse das pessoas pela dança por meio da constatação em como entre o Epipaleolítico e o Neolítico certas transformações alteram profundamente as sociedades humanas. Elas incluem a adoção da domesticação de plantas e animais, o estilo de vida sedentário, a adoção de novas tecnologias como a cerâmica e o aparecimento de formas complexas de organização social em ambientes “construídos”. A dança humana ocupa papel preponderante em um mundo que se organiza diferente de tudo que se antes conhecia, e, por isso, evidencia a capacidade do corpo humano em se configurar como a *mente estendida* dessa capacidade.

Palavras-chave: Sedentarismo. Neolítico. Agricultura. Grupos Maiores. Dança Humana.

Marcos Bragato

Prof. Dr. Licenciatura em Dança (UFRN)

E-mail: mabragato@hotmail.com

THE DENOUEMENT OF THE GRAMMAR HUMAN DANCE

Abstract

The sedentary lifestyle, permanent occupation, and later, agriculture, take up the role of thrusters of the first grammars of the human body dance. Thanks to the formation of networks of social ties brought from the first human settlements, where people settle in a particular place for him extract also their sources of survival. In coresidence regime in built environments, the challenge is how to engage the new networks in pre-literate world. Rhythmicity performs a fundamental role in the social avoidance and contention can be designed, first, a glossary of movements and gestures intelligible to

the viewer. So the dance origins are especially a methodological marker. Archaeology can help the inference of the increased interest of people for dancing through evidence on how Epipaleolítico between the Neolithic and certain transformations profoundly alter human societies. They include the adoption of the domestication of plants and animals, sedentary lifestyle, the adoption of new technologies such as ceramics and the emergence of complex forms of social organization in environments “built”. Human dance occupies leading role in a world that is organized differently than anything we knew before, and therefore highlights the ability of the human body is set as the mind extended this capability.

Keywords: Sedentary Lifestyle. Neolithic. Farming. Major Groups. Human Dance.

Introdução

As origens da dança humana são tratadas como um “mistério”. Muitos autores da área parecem desconhecer pesquisas e abordagens arqueológicas sobre o consórcio entre chamamento e ritmo percussivo corpóreo; outros inserem esse consórcio em momento evolutivo assentado no longo tempo da pré-história humana, quando tais organizadas práticas ritualísticas, vinculadas ao florescimento de cultos e cerimônias cívico-religiosas, desenlaçam-se no mundo do Holoceno do Oriente Médio.

O grande entrave, às descrições e promoção de heurística, está na resistência pós-modernista/relativista à noção de origem e origens, produto do desbragado interpretacionismo que recusa a objetividade dos fatos. Como se os registros e os fatos pudessem estar à mercê da ideologia da moda e pudessem ser tratados como “restos”. Revisitar documentos, arquivos e registros não nos dá um livre passaporte para contarmos “outras histórias”.

A arqueologia pode ajudar, na inferência do aumento interesse das pessoas pela dança, por meio da constatação em como entre o epipaleolítico e o neolítico certas transformações alteram profundamente as sociedades humanas. Elas incluem a adoção da domesticação de plantas e animais, o estilo de vida sedentário, a adoção de novas tecnologias como a cerâmica e o aparecimento de formas complexas de organização social em ambientes “construídos”.

Como argui o arqueólogo Steven Mithen (2003, 2007b), o fim da era glacial pode ter liberado a mente moderna à materialização dos eventos simbólicos, como a construção de centros de cultos durante o epipaleolítico, aproximadamente entre 25 mil a 10 mil anos atrás (BELFER-COHEN;

GORING-MORRIS, 2011) quando as mentes modernas são libertas dos grilhões do gelo da era glacial. Um longo caminho cujos registros apontam para colares de conchas de 60 mil atrás em solo africano e as pinturas das paredes de cavernas em solo europeu de 40 a 30 mil anos atrás.

A formação das comunidades sedentárias é a parte central da neolitização do Oriente Médio, (FINLAYSON et al., 2011) a partir das primeiras iniciativas de grupos de caçadores-coletores, durante o epipaleolítico e o início do neolítico no Oriente Médio, quando transformam sua forma de residência e estratégias de sobrevivência em largas e permanentes comunidades, em regime de coresidência. O cenário é a prova que as faculdades cognitiva e cultural se revelam capazes do manuseio de sistemas culturais por meio do armazenamento simbólico externo, instrumento fundamental da complexidade social.

O arqueólogo Trevor Watkins (2010) argumenta por dois centrais aspectos das alterações do período: (1) somente a certo ponto da evolução cognitiva humana torna-se possível para o *Homo sapiens* transcender limitações biológicas do cérebro humano por meio da cultura; e (2) esse incremento da facilidade mental foi criação necessária pela dependência de maiores e mais coesos grupos sociais, eles mesmos como produto da evolução hominídea.

Podemos observar isso, por exemplo, na performance/dança da cura do povo Kung San, (LEWIS-WILLIAMS, 1999) no deserto de Kalahari, na Namíbia, o povo Bushmen da África do sul ou os Hadza da Tanzânia, descendentes modernos dos caçadores-coletores de 60 mil anos atrás. Na dança da cura, o glossário de movimentos possui poucas palavras- posturas que, aliás, são seguidas à risca, em ambiente de bandos de 15 a 50 indivíduos, basicamente com vínculos consanguíneos, e quando formam uma comunidade no mesmo sítio não ultrapassam o número mágico dos 150 indivíduos. (DUNBAR, 2013) No shamanismo, portanto, pode estar uma origem, mas não o desenlace para o que hoje conhecemos como Dança Humana.

Revisamos alguns aspectos formadores do mundo no qual as pessoas passam a se frequentar em maior número, quando se estabelece primeiro em pequenos grupos pré-letrados que passam a viver em comunidades, quando do estabelecimento da fixação em coresidência, e da fase posterior na construção de ambientes destinados a cultos e festas, e sedentarismo, e passam a partilhar os desafios do cultivo de plantas e domesticação de animais, simultaneamente com a permanência das estratégias de caça.

O propósito é sugerir a formulação de uma direção analítica que nos permita avançar na formulação de inferências em como pode ter se estabelecido a moldagem de uma gramática da dança humana que pavimentam práticas rituais e sistemas de crenças.

De caçadores a agricultores

O Homem Cultural está na terra há 2,5 milhões de anos, dos quais 99% desse vasto período como caçador-coletor em estratégias provavelmente vinculadas apenas aos modos de sobrevivência, em estratégias que exaurem sua energia. Nos últimos 10 mil anos, o cenário se altera com o aumento da especialização das tarefas, quando o homem não precisa exaurir todas as suas forças. O ambiente é propício para o início da especialização de mais uma das tarefas: dançar.

A primeira das origens da dança humana podem se encontrar na ação coordenada de vocalização, marcha e defesa de território de nossos ancestrais carnívoros do Pleistoceno médio. Dança, música, ritmo e atenção são produtos evolutivos do complexo encadeamento à sobrevivência e reprodução. Uma de suas origens se encontra na capacidade humana às maratonas, as quais podem ter iniciadas há 2 milhões de anos, e há 1,5 milhões de anos com o *Homo ergaster* as alterações anatômicas iniciadas com o completo bipedalismo, a caminhada sobre duas pernas. (MITHEN, 2007a; BRAMBLE; LIEBERMAN, 2004)

Para o arqueólogo Steven Mithen (2007a), com o bipedalismo teria aportado um novo recurso à (a) manutenção de um ritmo interno fundamental para uma caminhada fluída, sem os trancos experimentados por seus ancestrais, e (b) à corrida de resistência para o sucesso no jogo de predador-presa e c) em função da capacidade de se coordenar na marcha com as ocorrências uma capacidade temporal de manutenção da locomoção rítmica. Esse novo recurso deve ter se espreado como uma capacidade para a manutenção do ritmo sonoro.

A todos esses ganhos, Mithen pede para adicionar à liberação dos braços, mãos e da parte superior do tronco, juntamente com um maior controle muscular geral. Nesse sentido, o *Homo ergaster* tem um novo recurso para sua dança; como afirma Mithen (2007a), a competência para pular, rodopiar, saltar, rodopiando, e até mesmo encadear “piruetas” sob o sol Africano.

No entanto, não há no registro arqueológico qualquer menção de que se possa inferir na conformação de uma gramática, mas sim no desenho

inicial e esquemático de duas das principais propriedades da dança: a organização dos movimentos corporais em padrões espaciais e a sincronização coordenada com a marcha. Ambientes ancestrais habitados por sociedades de caçadores-coletores, nômades, continham grupos relativamente pequenos de 50 a 150 indivíduos quando reunidos em bandos de até 25 indivíduos. (TOOBY; DEVORE, 1987) Os tamanhos dos grupos dependem da disponibilidade de comida e grandes reuniões implicam aumento excepcional das fontes de alimentação.

É importante notar que, do ponto de vista cognitivo, os dados indicam que os processos de raciocínio analógico, ao longo do tempo, “são cada vez mais frequentes, quer por razões ‘estatísticas’ (uma maior densidade populacional leva a uma maior probabilidade de encontro de duas ideias) quer por razões cognitivas”. (DE BEAUNE, 2009, p. 3, tradução nossa)¹

O *Natufiano* tardio e o início do neolítico (9500 a.C.) é apontado como o período crítico das *razões estatísticas*, um período de testagem de produção de alimentos e de novos arranjos sócio-mentais. O *Natufiano* tardio intensifica seu processamento de plantas como ensaio para o pleno desenvolvimento posterior da agricultura e da fixação das pessoas a terra. A evolução da produção de comida tem magnitude comparável na história hominídea ao bipedalismo, a encefalização e a manufatura inicial de ferramentas de pedra, considerada inexorável por seu agudo abalo nos mundos humano e não humano. (WINTERHALDER; KENNETT, 2006)

A análise de pólen de determinados grãos silvestres, a descoberta de diversos sítios arqueológicos, cidades inteiras, e suas câmeras mortuárias, têm permitido reconstruir as paisagens pré-históricas e inferir como grupos de caçadores-coletores abandonam aos poucos seu estilo de vida, e possibilitam a inferência sobre um novo modo de vida: seminômade e sedentário, a caça combinada com plantação e a coleta combinada com pastoreio.

Os dados arqueológicos nos permitem inferir o quão rapidamente abandonamos uma vida errante, nos estabelecemos em aldeias e, paradoxalmente, ampliamos o senso tribal, o quão rapidamente ousamos interferir na produção de nossas fontes de comida e o quão rapidamente desenvolvemos novos modos de nos relacionar aprofundando as conquistas de nossos ancestrais com dança. (MITHEN, 2007b)

A percepção de que um objeto pode valer mais do que aparenta e pode habitar os corpos de nossos ancestrais do paleolítico superior intensifica as estratégias de intercâmbio entre as pessoas. No entanto, a alteração dramática se dá no chamado epipaleolítico quando o clima esquentava: não apenas caçadas porque agora bosques de pistache, oliveiras e carvalhos, junto com

1 [...] are increasingly frequent through time, either for “statistical” reasons (a greater population density leads to a greater probability of the meeting of two ideas) or for cognitive reasons.

campos verdejantes de trigo selvagem e cevada formam um ambiente promissor. Num lapso de tempo evolutivo, caçadores-coletores, no território que compõe especialmente no que hoje é Israel, Jordânia, Síria, Líbano e parte da Turquia, “começam a fazer coisas que eles experimentaram raramente, ou nunca, feito antes”. (BALTER, 2010, p. 404, tradução nossa)² Elas incluem a construção de casas permanentes de pedra e madeira, e o enterro de seus mortos em torno delas em elaborados rituais. Eles trituram cereais selvagens com almofarizes e pilões, ferramentas e objetos de arte feitos a partir de ossos de animais, e praticam rituais xamânicos, e se reúnem, aqui a chave da alteração, em comunidades sedentárias ou semis-sedentárias de até diversas centenas de pessoas. (BALTER, 2010)

Esses caçadores-coletores são os chamados *Natufianos*, uma cultura diferente de tudo o que o registro fóssil possa ter apresentado. O período parece ser a última parada ou estação de passagem na longa estrada à agricultura “e muitas de suas características parecem prenunciar a época neolítica, quando os primeiros agricultores das densamente povoada aldeias construídas de pedra e tijolos de barro, pintam suas paredes com arte e enterram seus mortos sob o piso”. (BALTER, 2010, p. 404, tradução nossa)³ Embora ainda periodicamente, e sem fixação, experimentam mudanças sociais dentro de uma visão de mundo propícia ao florescimento da arte. (BALTER, 2010)

O *Natufiano* é arqueologicamente definido como um período desenvolvido no chamado Levante de 13.000 a 10.300, em três sucessivas fases de erguimento e abandono dos diversos assentamentos na região que engloba hoje a Jordânia, Israel e territórios Palestinos, a Península do Sinai, Líbano, Síria e sudeste da Turquia. A área é referida como Crescente Fértil formada por três principais zonas ecológicas, um corredor de bosques, estepes e desertos, e com diferenciada biogeografia e padrões de monções que se estende do deserto de Negev, no sul da estepe síria no norte do país e do Rift Jordânia, no leste para a costa do Mediterrâneo e entre os rios Eufrates e Tigre

A cultura Natufiana inaugura a produção de imagens tridimensionais de humanos e animais e a decoração ou a marcação de um modo que ultrapassa sua funcionalidade. (FINLAYSON et al., 2011) Aqui pode se encontrar o desenlace de uma gramática da dança humana quando encontra ambiente favorável junto às pessoas que passam a viver próximos em comunidades maiores e quando se inaugura uma gramática da sazonalidade e uma ritmicidade com o entorno. De acordo com os autores, foram

2 (...) began doing things they had rarely, if ever, done before.

3 (...) many of its features seem to foreshadow the Neolithic epoch, when the earliest farmers built densely populated villages of stone and mud brick, painted their walls with art, and buried their dead under the floors.

escavados mais de trinta sítios Natufianos que englobam desde pequenos poços às extensas áreas abertas.

Essa crítica alteração está conformada com o aparecimento dos ritmos sazonais e dos calendários, moldados pelo ritmo cosmológico no ambiente do início do último período interglacial. Ocorre um refinamento no ajuste nas estratégias de caça e coleta de alimentos em sociedades de caçadores-coletores complexas, um ajuste em que as pessoas se engajam não somente em uma nova forma de atividade econômica, e que proporciona novas formas de cultura material como a cerâmica e a construção de casas e monumentos.

Os primeiros assentamentos ou aldeias parecem ser produtos das reuniões sazonais mais douradoras dos caçadores-coletores sedentários. As restrições à convivência entre os bandos em aglomerados na história dos caçadores-coletores, quando a vida na maior parte do ano parece monótona, dissipam-se aos poucos nesse novo ambiente propício à vida em comunidade. Festas, regadas a muito sexo, e cerimônias religiosas parecem durar mais de acordo com os registros arqueológicos. (VALLA; KHALAILY, 1997) As pessoas *Natufianas* têm a chance de estender os períodos de convivência e de agregação, quando efetivam a vida comunitária durante o ano inteiro.

Sinalizadores e solução de conflitos: nova partilha

Os assentamentos descobertos dos diversos sítios ao longo do mediterrâneo apontam locais destinados à realização de prováveis encontros entre os diversos povos circundantes. São abundantes os registros, especialmente no período denominado Pré-Cerâmica Neolítica A (PPNA), um período chave na partilha do manejo e produção de recursos simultaneamente ao incremento do estilo de vida sedentário (FINLAYSON et al., 2011), ao armazenamento do excedente alimentar à percepção aguçada da possibilidade de *recipientes/artefatos/corpos* armazenarem suas ideias de mundo como a materialidade *simbólica* chave ao enfrentamento de novos desafios da vida em comunidades maiores.

As mudanças sociais coevoluem com as profundas alterações na economia dessas comunidades. Elas habilitam a partilha social por longos períodos e incrementam o tamanho dos assentamentos. No entanto, a arquitetura é uma faceta que deve ser considerada não somente por prover evidência do aumento do estilo de vida sedentário, mas por fornecer

materialidade às alterações das estruturas sociais. (FINLAYSON et al., 2011; WATKINS, 2008, 2010) E, por sua vez, facilitar a vida em comunidade, um estímulo ao desenvolvimento da produção de comida.

O arqueólogo Peter Watkins (2010) sugere olhar para os “ambientes construídos”, a base de operações dessas comunidades do *Natufiano* e do início do Neolítico. Os processos de produção e da manutenção do regime de coresidência solicitam habilidade cultural/simbólica para que possam fomentar novas capacidades cognitivas e novos construtos simbólicos; Eis aqui a diferença fundamental entre o paelo e o epipaleolítico.

Por isso, os primeiros assentamentos se transformam em mais que meros ambientes físicos de partilha da subsistência. São encontrados novos usos da arquitetura e escultura como modeladores de práticas ritualísticas de diversos tipos, quando podemos conjecturar em como a dança pode ter ocupado um papel diferenciado na costura da rede social em um mundo pré-letrado. Ao olharmos para as alterações do ambiente sociocultural, podemos entender como as pessoas respondem a esses ambientes de que são partícipes.

Podemos correlacionar o armazenamento do excedente da produção de comida com o armazenamento de instruções, modos de convivência, e ideias, sobretudo. Talvez esteja aqui o que arqueólogos observam como um período chave na vida dos humanos modernos quando sua capacidade cognitiva e faculdades simbólicas culturais são suficientes à construção de comunidades que transcendem à capacidade biológica do cérebro humano. (MITHEN, 2007a, 2007b; WATKINS, 2008)

Há um recorte no modo de vida e no modo de pensar de seus habitantes, até então desconhecido nos registros arqueológicos. **A visão do mundo mágico dos caçadores-coletores**, adiciona-se outros vieses nas sociedades complexas da tecnologia da caça e da plantação: a organização da visão de um mundo mitológico e, posteriormente, no período que desemboca na formação das primeiras civilizações, ao nascimento do mundo místico. Os produtos da cultura humana estão embebidos por essas visões, mas as relações que se estabelecem estão diferenciadas entre uma rede familiar e uma rede extensiva presentes no *Natufiano*.

A transição entre o modo de vida nômade ao sedentário tem como pavimento um novo cenário da interação social, no qual seu *ethos* da repartição exige novas definições em aldeias densamente povoadas. Provavelmente, as novas exigências da vida em comunidades maiores e permanência de longo prazo provocam também importantes alterações nas práticas sociais fora das fronteiras da mera atividade econômica.

Essas práticas são organizadas de modo a envolver as pessoas em ações previamente acordadas. Nomeia-se como ritual tais práticas que são emolduradas no espaço e tempo sincronizados com as demandas excedentes da mera sobrevivência. Os rituais podem oferecer sutis benefícios sociais ao padronizar procedimentos comuns para gerar compartilhadas experiências de vida e gerar confiança entre as pessoas. Como conectores, mas também como sinalizadores porque a sinalização tem função concomitante ao envolver chamados do tipo “estou aqui à disposição” ou “estou aqui para a contenda”, e ter como um de seus produtos a excitação empática.

Nesse sentido, a dança humana tem a oportunidade de desenvolvimento de seu desenho quando, em mundo pré-letrado, e em meio ao desafio da convivência de diversos bandos em comunidades maiores, configura-se como motor das diversas atividades ritualísticas ligadas à novidade do armazenamento do excedente.

O alvorecer da dança nos registros arqueológicos

Durante o período de 11.000 a 9.500 aparecem os primeiros assentamentos agrários dentro e fora da zona mediterrânea do Levante Sul. São as comunidades identificadas como *Jericó*, *Kfar HaHoresh*, *'Ain Ghazal* e *Wadi Faynan*, caracterizadas por um alto grau de sedentarismo, agregação populacional, uso inicial de plantas e animais domesticados, arquitetura residencial bem construída, comércio e troca de longa distância e práticas mortuárias altamente visuais. (KUIJT, 2001)

Nem todos sedentários são agricultores e vice-versa, mas a convergência de sedentarismo e agricultura é fator chave ao desenho de um ambiente propício às práticas corporais como estruturadoras de ritos que transmutam as rotinas das pessoas. Dançar junto pode ser benéfico à corrida por comida como para educar os jovens por incrementar os gatilhos de mecanismos mentais em um conjunto mais complexo de relações de poder e sociabilidade. A dança pode ter-se dado mais uma vez, mas agora com uma profusão inicial de estratégias de se posicionar um em relação ao outro porque dificilmente se pode sustentar tradições com populações dispersas e pequenas.

A dança pode ter evoluído como uma estratégia sinalizadora das condições de quem a realiza para quem a observa, ou de quem a realiza para com quem a partilha; uma estratégia que parece ter encontrado em comunidades maiores um lugar multimodal, e aqui nos parece encontrarmos

outra questão chave. O erguimento de uma gramática de movimentos e gestos realiza a possibilidade de organizar as sensibilidades de acordo com seu aspecto funcional despertado pelo ambiente em que ali ela se configura. Permanecer junto em longa duração em comunidades maiores, uma novidade evolucionária, pode ter exercido uma pressão seletiva na evolução cultural em solucionar a permanência entre estranhos em um mundo pré-letrado. A dança humana passa a ocupar um papel preponderante em um mundo que se organiza diferente de tudo que se antes conhecia, e, por isso, evidencia a própria capacidade do corpo humano se configurar como a *mente estendida* dessa capacidade.

O ritmo e disposição à modelagem de gestos e passos requerem condições necessárias e suficientes para que os envolvidos possam despende tempo e energia em sociedades de larga escala. As condições pedem aprendizado sensorio-motor, desenvolvimento da discriminação rítmica, disposição muscular e coordenação no grupo. O ambiente propício ao desenvolvimento de uma especializada lexicografia corporal, da formação de uma gramática, com fraseamentos coreográficos diferenciados, o momento adequado para a instalação da sintaxe que, por sua vez, desencadeia o fenômeno da recursividade, a possibilidade de se reaplicar em sucessivas camadas às estruturas resultantes de sua aplicação anterior. O material moldado ao longo do tempo evolutivo se amplifica a partir, por exemplo, da famosa dança de cura/transe e do caminhar sobre brasas com o se mover ao som de batidas percussivas. Desde que a cultura material está implicada em tais ocasiões, ela pode fornecer pistas para a escala de interações. (KADOWAKI, 2005)

Recintos circulares neolíticos e representações de cenas de dança em vasos e jarros têm sido encontrados ao longo da expansão do neolítico do oriente médio a regiões do sudeste da Europa. (GARFINKEL, 1998) Como defende o arqueólogo israelense Josef Garfinkel, tais representações salientam danças que vislumbram unidade comum entre as pessoas e se torna uma característica dominante da vida social do Oriente Médio, a partir de 9.000 a.C.

O aumento de achados em registros arqueológicos, do período do advento da cerâmica, encontrados na forma de motivos em vasos e jarros, amplificam-se as possibilidades de inferência do papel crucial da dança na regulação das comunidades sedentárias e agrárias que se moldam circuito do Crescente Fértil.

O autor explora a tese que desenhos humanos e suas representações pintadas, e em relevos, sempre parecem estar a dançar. Essas

representações estão modeladas, esculpidas ou na forma de incisões em vasos e recipientes de cerâmicas em comunidades do Oriente Médio, Anatólia, Levante, Egito e sudeste europeu entre o início do Neolítico por volta de 9.000 (Pré-Cerâmica Neolítica B) e 3000 a.C.

Os registros, aparentemente, os mais antigos desse tipo, coincidem com o lugar e o tempo das alterações do estilo de vida de caçadores e coletores quando se estabelecem em vilarejos e se tornam agricultores e pastores. Nas imagens incrustadas nas cerâmicas, os dançarinos usualmente estão em círculo, na mesma direção, muitas vezes com pés e mãos dobrados, o que se pode conjecturar pela importância dos movimentos da palma das mãos e dos dedos. Garfinkel sugere que é possível observar o efeito rítmico, tão característico da dança, que se expressa pelo fato das imagens estarem em distância constante uma da outra.

No mundo pré-letrado, comportamento orquestrado entre batidas sonoras e rebatidas corporéas pode colaborar para se manter a sensação de filiação grupal ou sentimentos positivos entre membros do grupo. (WILTERMUTH, 2009)

Os achados de Garfinkel podem atestar como a dança pode ter sido um eficiente sinalizador para as pessoas residentes em comunidades maiores e sedentárias. Sugerem a importância da dança como um meio fundamental em comunidades agrárias pré-letradas e em sociedades pré-estatais no Oriente Médio. A dança é parte do ritual de coordenação das atividades comunitárias e dos rituais públicos dos primeiros agricultores como estratégia de promoção da dissipação de conflitos. (GARFINKEL, 1998, 2003)

Considerações finais

Um conjunto de características são desenvolvidas na zona conhecida como Crescente Fértil, quando nela sociedades de caçadores-coletores transformam-se em sociedades de produção de subsistência acompanhada pela evolução social igualmente significativa de grupos tribais a relativamente complexa estrutura social, especialmente em um período crítico apontado pelos registros arqueológicos entre 12 mil a 8 mil anos atrás.

Quando populações experimentam um mix de escolhas e passam a se fixar a terra por longos períodos, os produtos de nossa cultura como as instituições sociais e a arte desafiam as restrições impostas pela história evolucionária de nossos cérebros. O estilo de vida sedentário e a convivência em comunidades maiores aceleram o raio da evolução cultural.

As primeiras comunidades agrárias inauguram os princípios de *sistema de controle do tempo*, cujos vértices se encontram na sincronização e no *par a passo* entre os que ali vivem. Construtos como calendários, festivais e comemorações, parâmetros de mudanças sazonais, e não apenas como a materialidade da conjunção entre o sedentarismo e o cultivo agrário. Mas também como expansão da memória de um sistema de produção, coleta e armazenamento de informações necessárias à determinada população, e que permite maior recursividade ao que está desenhado nas tecnologias. Em nosso caso, a tecnologia para se construir e decidir para quais orientações determinado comportamento artístico terá efeitos sócio-ritualísticos.

A façanha parece ter seu cume quando a restrição da proximidade entre indivíduos de sexos opostos passa se constituir maleável e a permissão uma solução às dúvidas dos primeiros coreógrafos anônimos/populares aptos a decifrar o modo mais adequado de tratamento dos passos e dos desenhos moldados por esses passos. Os exemplos pululam a partir do *medievo ocidental* nas largas comunidades camponesas europeias apropriados pelas cortes sob nova roupagem que se formata como balé.

Uma gramática da dança humana se efetiva somente quando a chefia passa a ser realidade necessária, quando negociar com grupos maiores é condição de sobrevivência social, quando o papel reservado a cada um passa ser a especialidade de tarefas. Há a expansão das tarefas dos feiticeiros circunscritas às danças de cura e aos ritos de perdas, a religião se separa da festa, quando se inaugura uma nova *avenida memética*, graças às novas exigências da vida em largas comunidades e, a se considerar o *trade-off*, oportuniza-se as primeiras tentativas de desenvolvimento de gramáticas da dança humana.

Referências

- BALTER, M. The tangled roots of agriculture. *Science*, v. 327, p. 404-406, 22 jan. 2010. Disponível em: < <http://science.sciencemag.org/content/sci/327/5964/404.full.pdf> >. Acesso em: 10 jun. 2015.
- BELFER-COHEN, A.; GORING-MORRIS, A. N. Becoming farmers: the inside story. *Current Anthropology*, Chicago, v. 52, n. 4, p. 209-220, out. 2011.
- BRAMBLE, D. M.; LIEBERMAN, D. E. Endurance running and the evolution of Homo. *Nature*, Londres, v. 432, p. 345-352, 18 nov. 2004.

- CARTER, A. Destabilizing the discipline: critical debates about history and the impact on the study of dance. In: CARTER, A. *Rethinking dance history: a reader*. Londres; Nova York: Routledge, 2004. p. 10-19.
- DE BEAUNE, S. A. de. Technical invention in the Palaeolithic: what if the explanation comes from the cognitive and neuropsychological sciences? In: DE BEAUNE, S. A.; COOLIDGE, F. L.; WYNN, T. G. *Cognitive archaeology and human evolution*. New York: Cambridge University Press, 2009. p. 3-14.
- DUNBAR, R. I. M. What makes the neolithic so special? *Neo-Lithics*, v. 2, n. 13, p. 25-29, 2013. Disponível em: <<http://www.exoriente.org/docs/00073.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2015.
- FINLAYSON, B. et al. Architecture, sedentism, and social complexity at Pre-Pottery Neolithic A WF16, Southern Jordan. *PNAS*, v. 108, n. 20, p. 8183-8188, 17 maio 2011. Disponível em: <<http://www.pnas.org/content/108/20/8183.full.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2015.
- GARFINKEL, Y. Dancing and the beginning of art scenes in the early village communities of the Near East and south-east Europe. *Cambridge Archaeological Journal*, v. 8, n. 2, p. 207-237, set. 1998.
- GARFINKEL, Y. Dance at the beginning of agriculture. *Dance Now*, v. 5, p. 91-86, 2001.
- GARFINKEL, Y. *Dancing at the dawn of agriculture*. Austin: University of Texas Press, 2003.
- KADOWAKI, S. Designs and production technology of sickle elements in late neolithic wadi ziqlab, northern jordan. *Paléorient*, v. 31, n. 2, p. 69-85, 2005.
- KUIJT, I. Place, death, and the transmission of social memory in early agricultural communities of the near eastern pre-pottery neolithic. *Archeological Papers of the American Antropological Association*, v. 10, p. 80-99, jan. 2001. Disponível em: <<http://anthrosource.onlinelibrary.wiley.com/hub/issue/10.1111/apaa.2001.10.issue-1/>>. Acesso em: 10 jul. 2015.
- LEWIS-WILLIAMS, J. D. Dance and representation. *Cambridge Archaeological Journal*, v. 9, n. 2, p. 281-283, out. 1999.
- MITHEN, S. Thoroughly mobile minds. *New Scientist*, v. 178, n. 2395, p. 40-41, 17 maio 2003.
- MITHEN, S. *The singing neanderthals: the origins of music, language, mind, and body*. Cambridge: Harvard University Press, 2007a.
- MITHEN, S. *Depois do gelo: uma história humana global 20.000 – 5.000 a.C.* São Paulo: Imago, 2007b.
- MITHEN, S. The music instinct: the evolutionary basis of musicality. *The neurosciences and music III—Disorders and Plasticity*, Nova York, v. 1169, p. 3-12, 2009.

SCHMIDT, K. Beyond daily bread: evidence of early neolithic ritual from gobekli tepe. *Neo-Lithics*, v. 2, n. 98, p. 1-5, 1998. Disponível em: <<http://www.exorient.org/docs/00013.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2015.

TOOBY, J.; DEVORE, I. The reconstruction of hominid behaviorl evolution throught strategic modeling. In: KINZEY, W. G. *The evolution of human behavior: primate models*. Albany: State University of New York Press, 1987. p. 183-237. (Sunny Series in Primatology).

VALLA, F. R.; KHALAILY, H. The first sedentary peoples in Israel. *Bulletin du Centre de recherché français à Jérusalem*, n. 1, p. 72-82, fall 1997. Disponível em: <<http://bcrfj.revues.org/5162>>. Acesso em: 10 out. 2015.

WATKINS, T. The neolithic revolution and the emergence of humanity: a cognitive approach to the first comprehensive world-view. In: CLARKE, J. *Archaeological perspectives on the transmission and transformation of culture in the eastern Mediterranean*. Oxford: Oxbow Books, 2005. p. 84-88. (Série Levant Supplementary, v. 2).

WATKINS, T. Ordering time and space: creating a cultural world. In: CÓRDOBA, J. M. et al. (Ed.). *Proceedings of the 5th International Congress on the Archaeology of the Ancient Near East*. Madrid: UAM, 2008. v. 3, p. 647-659.

WATKINS, T. Changing people, changing environments: how Hunter-Gatherers became Communities that Changed the World. In: FINLAYSON, B.; WARREN, G. (Ed.). *Landscapes in Transition*. Oxford; Oakville: Oxbow Books, 2010. p. 106-114. (Série Levant Supplementary, v. 8).

WATKINS, T. New lighth on neolithic revolution in south-west Asia. *Antiquity*, Cambridge, v. 84, n. 325, p. 621 - 634, set. 2010. Disponível em: < <http://antiquity.ac.uk>>. Acesso em : 20 jul. 2015.

WATKINS, T. Opening the door, pointing the way. *Paléorient*, v. 37, n. 1, p. 29-38, 2011.

WILTERMUTH, S. S.; HEATH, C. Synchrony and cooperation. *Psychological science*, v. 20, n. 1, p. 1-5, jan. 2009.

WINTERHALDER, B.; KENNETT, D. J. Behavioral ecology and the transition from gathering to agriculture. In: WINTERHALDER, B.; KENNETT, D. J. *Behavioral ecology and the transition to agricultura*. Berkeley: University of California Press, 2006. p. 1-21.